

Nos caminhos da Linguística Histórica: entre mudanças e silêncios

On the paths of Historical Linguistics: between changes and silences

ROSANE DE SOUZA SANTOS

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

E-mail: rosouza170@gmail.com

Resumo: Este ensaio traça um panorama a respeito da Linguística Histórica e da sua constituição no âmbito dos estudos linguísticos, da formação da língua portuguesa, da periodização da história sociolinguística do Brasil e um faz uma breve discussão sobre as transformações das línguas, com vistas a apresentar questões referentes ao processo de mudança linguística no contexto da história da formação do português brasileiro, exemplificando com usos linguísticos presentes na comunidade linguística da autora deste texto.

Palavras-chave: Linguística Histórica; língua portuguesa; mudança linguística; usos linguísticos; comunidade linguística.

Abstract: This essay provides an overview of Historical Linguistics and its establishment within linguistic studies, the formation of the Portuguese language, the periodization of the sociolinguistic history of Brazil, and a brief discussion on language transformations. The aim is to present issues related to the process of linguistic change in the context of the history of Brazilian Portuguese formation, exemplified by linguistic usages present in the author's linguistic community.

Keywords: Historical Linguistics; Portuguese language; linguistic change; linguistic usages; linguistic community.

1 PASSOS INICIAIS

Por meio das abordagens científicas do campo da Linguística Histórica, podemos refletir sobre as maneiras como as línguas se constituem. Estudar as composições das línguas do ponto de vista histórico nos auxilia a entender sua função no desenvolvimento da sociedade e da cultura, visto que promove o conhecimento sobre as próprias histórias, isto é, resgata as memórias linguísticas e compreende as possibilidades de diálogos que vivenciamos na atualidade. Nessa perspectiva, este escrito apresenta questões referentes ao processo de mudança linguística no contexto da história da formação do português brasileiro, exemplificando com usos linguísticos presentes na comunidade linguística da autora deste texto.

Com base nos estudos de Clarinda Maia (2012), é possível entender o trajeto da Linguística Histórica, desde a sua origem no século XIX, que é mesmo contexto que a Linguística Geral é posta como disciplina científica, tendo os trabalhos desenvolvidos no século XX, baseados nos estudos de Ferdinand de Saussure e suas dicotomias, isto é,

língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significante e significado. Tais dicotomias, obtiveram espaços no âmbito dos estudos linguísticos, e o estudo da história das línguas começa a ser posto, porém com características filosóficas e menor teor científico.

No contexto dos estudos linguísticos, os textos históricos não eram estudados com o mesmo vigor que as demais perspectivas de estudos sobre a linguagem, uma vez que a ênfase desses estudos se pautava apenas no campo da sincronia, no recorte de determinado período do tempo. Após anos sob o domínio dos estudos sincrônicos, a Linguística Histórica é orientada por novas reformulações, especificamente, nas últimas décadas do século XX. As transformações aconteceram após a *Linguística Geral* propor novas concepções a respeito das mudanças linguísticas, o que favoreceu o surgimento de disciplinas pautadas no caráter histórico e social da língua, bem como a Sociolinguística, a Análise do Discurso e a Pragmática; essas áreas ajudaram a englobar as análises diacrônicas no contexto das Ciências da Linguagem.

Com essa nova perspectiva adotada, houve a possibilidade de constituir pesquisas a respeito das questões relacionadas à reestruturação da língua do passado, porém alguns desafios foram postos, principalmente no que concerne à obtenção de materiais ou dados para compreensão dos processos de mudanças históricas, os quais, posteriormente, foram superados com os trabalhos desenvolvidos por outros estudiosos, permitindo o estudo da língua do ponto de vista histórico. A associação entre a “variação linguística sincrônica” e as “análises diacrônicas” resultou na divisão entre “sincronia e diacronia” e, por consequência, começou-se a “compreender a dinâmica social e contextual da mudança linguística e afirmar a relação de implicação entre variação e a mudança linguística” (Maia, 2012, p. 534).

Desse modo, o campo da linguística mencionado não apenas se debruça nos estudos das línguas do passado, mas também volta o olhar para todas as mudanças ocasionadas ao longo do tempo, buscando investigar os aspectos da língua do passado e sua relação com o presente.

2 CAMINHOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Derivada do latim vulgar, língua utilizada pelos soldados romanos, a língua portuguesa foi constituída por diversos processos históricos, sociais e políticos. Quando os romanos invadiram o território da Península Ibérica, aproximadamente no século III a.C., a língua latina falada pelo grupo foi imposta às pessoas dominadas.

A vertente do latim vulgar era utilizada por sujeitos pertencentes a classes sociais desfavorecidas socialmente ou sem poder aquisitivo em contraste com o latim clássico utilizado pela classe economicamente dominante e por indivíduos cultos, que detinham de elevado status intelectual, os poetas, os escritores e os filósofos. O latim vulgar englobava características coloquiais e heterogêneas, enquanto o latim clássico era pautado em estruturas de fala e escrita prestigiadas socialmente.

No processo de conquista territorial, a Península Ibérica também foi povoada pelos germânicos, que deixaram traços linguísticos expressivos na região, posteriormente recebeu os mulçumanos e seus dialetos. Com a retomada do território da Península Ibérica, por volta do século XI, o galego-português prevaleceu na região.

De acordo com Mattos e Silva (2002), Portugal tornou-se independente no século XII, mas ainda não possuía a escrita formalizada. O latim era utilizado como a língua oficial tanto em documentos quanto em contextos formais, como eventos religiosos.

A constituição da língua portuguesa começou a efetivar-se entre os séculos XIII e XVI. Por decisão de D. Dinis, no século XIII, o português começou a ser oficializado nos setores do reino. Já no século XV (1415), a documentação oficial, a literária e da imprensa estavam pautadas nos moldes da língua oficial. No século XVI, Fernão de Oliveira propôs reflexões sobre a língua portuguesa em nível social, regional e etário, propondo uma norma linguística.

Ao chegarem ao Brasil em 1500, os portugueses deparam-se com mais de 1.000 línguas indígenas diferentes, o que contribui para a diversidade linguística do português brasileiro, intensificada mais ainda com a chegada de milhões de escravizados oriundos de diferentes grupos étnicos da África.

Como qualquer processo violento, ocorreu a exploração das terras brasileiras e a prescrição da língua do colonizador. A maneira de falar e a língua de um grupo ou outro foram historicamente colocadas em supremacia em relação a outros falares, estabelecendo-se modelos a serem seguidos (Mattos e Silva, 2002).

Durante qualquer processo histórico, uma língua foi posta como ideal em relação a outra e foi utilizada como forma de controle social, vinculada a um propósito político de homogeneizar a diversidade linguística e, conseqüentemente, as línguas históricas. A língua portuguesa de Portugal, pertencente ao colonizador, foi fortemente imposta em relação às línguas indígenas e africanas, advindas dos povos escravizados. Mariani (2008, p. 73) salienta:

Não há processo de colonizador que não tenha passado pelo acontecimento linguístico que resulta da imposição violenta da língua do colonizador, uma imposição que confronta línguas com funcionamentos e memórias sociais distintas, e que acaba por produzir, ao longo do contato linguístico e social, a emergência de um lugar enunciativo diferenciado e determinado em relação à constituição da língua nacional.

Nesse contexto violento, o português tornou-se a língua predominante, contudo recebeu como efeito a heterogeneidade linguística, pois as línguas advindas de diferentes territórios se cruzaram e surgiram novos itens lexicais no panorama linguístico brasileiro. A língua portuguesa, a partir de um dado momento do processo de colonização, já se mostrava consolidada, visto que possuía materiais escritos, como as gramáticas, literaturas e outros documentos, o que garantiu sua permanência enquanto elemento para promover a submissão de determinados grupos. Ao impor a língua, o colonizador tentou cristalizar a heterogeneidade da língua, criando a ideia de língua homogênea, como reitera Mattos e Silva (2002, p. 2): “A esse entrecruzar-se de dialectos sociais, espaciais e de normas linguísticas impõem-se as normas específicas da língua escrita que neutralizam muitas das diferenças da fala quotidiana, mas longe de anulá-las”.

Como algo mutável, a língua se adapta à realidade do falante, ao passo que o falante se adapta à realidade da língua. O falante é capaz de produzir estruturas próprias de comunicação e de colocar a língua para trabalhar para si; as formas estabelecidas pelos manuais normativos não conseguem anular tais construções. Cada grupo possui sua particularização na maneira de se expressar. “A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história” (Leite e Callou, 2002, p. 57).

3 PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA SOCIOLINGUÍSTICA DO BRASIL

Lucchesi (2017) faz análises das propostas de periodização existentes e estabelece uma nova proposta, pautada no caráter do Paradigma Variacionista, que faz um paralelo entre processos linguísticos e sociais. A primeira está centrada na visão de Serafim da Silva Neto (1963/1951); a segunda está vinculada a Marlos Pessoa (2003); a terceira é a de Tânia Lobo (2008); a quarta é a de Volker Noll (2008).

Os parâmetros que fundamentam a proposta de periodização exposta por Lucchesi (2017) visam ao distanciamento entre a história da língua de Portugal e a língua do Brasil, pois, para o estudioso, é necessário definir as diferenciações entre as duas especificidades de línguas para estabelecer a história sociolinguística do Brasil. No processo de transição do latim para o português, no século XIII, Portugal detinha de muita documentação escrita, enquanto o Brasil, no contexto da colonização, era desprovido de letramento da sociedade; essa situação ocorreu pela ação da política deliberada, que proibiu o uso de tipografias no período.

Para Lucchesi (2017), o processo que determina/ou a história sociolinguística do Brasil foi o início da colonização, com a presença de um emaranhado de mudanças linguísticas, ocasionadas pelo contato direto entre os grupos de brancos, negros e indígenas. Como ocorreria o processo de periodização, considerando a multiplicidade de contatos linguísticos, é o que questiona o estudioso, ao considerar que as propostas de periodização existentes ainda estão pautadas nos vieses do colonizador, o que excluía a história linguística de uma ampla parcela populacional de brasileiros.

Nesse intento, propôs a periodização da História Sociolinguística do Brasil da seguinte maneira:

Proposta sucinta da periodização da história sociolinguística do Brasil
1º fase: de 1000 a 1532 - predomínio do tupi e do tupinambá enquanto línguas mais faladas.
2º fase: de 1532 a 1695 - convívio entre as línguas dos portugueses, indígenas e africanos, o que desencadeia o multilinguismo generalizado.
3º fase: de 1695 a 1930 - o português é posto como preponderante, negando o multilinguismo / homogeneização linguística: <i>primeira vaga de aportuguesamento</i> 1695 a 1808 ciclo do ouro, surto de urbanização e avanço da língua portuguesa; <i>segunda vaga de aportuguesamento</i> , 1808 a 1850, transferência da corte portuguesa para o Brasil, aumento da urbanização e normatização da língua portuguesa; <i>terceira vaga de aportuguesamento</i> , 1850 a 1930, fim do tráfico negreiro, queda do multilinguismo.
4º fase: de 1930 até hoje - a industrialização e a urbanização desencadeiam a implantação da norma culta e apagamento da norma popular, polarização e aumento do preconceito linguístico.

Fonte: Lucchesi, 2017.

A periodização apresentada, defendida por Lucchesi (2017), propõe um olhar mais amplo sobre a realidade sociolinguística do Brasil, imersa em um amplo mosaico linguístico, indo contra as estruturas de homogeneização linguística pautadas na perspectiva do colonizador.

4 O PROCESSO DE MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA VIAGEM FAMILIAR

A mudança linguística origina-se a partir de um processo lento, quase imperceptível, isso significa que as línguas não mudam de forma brusca ou repentina. As mudanças vão se configurando aos poucos, em alguns aspectos, conforme Faraco (2005).

“Os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de permanência do que na sensação de mudança” (Faraco, 2005, p. 15). Ainda reitera que na perspectiva dos estudos da linguística histórica, as línguas desempenham um papel de mudança através do tempo. Isto significa que as línguas não estão estáticas no tempo e sim mudando, isto é, não estão inseridas dentro de um sistema que não permite mudanças. Essas mudanças, em contrapartida, não prejudicam os falantes, pois sempre terão outros recursos linguísticos para se expressarem, afinal [...] “as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão. [...] as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados” (Faraco, 2005, p. 14).

Neste sentido, o falante compreende mais, atentamente, as mudanças que ocorrem na língua quando se depara ou tem contato com indivíduos de outras culturas, ainda que tenham em comum a mesma língua, ou com pessoas mais velhas. Em vista disso, com base nos estudos de Faraco (2005), serão sinalizadas, doravante, ocorrências de mudanças linguísticas originadas no interior do contexto em que se encontra a autora deste texto.

Ao conversar com um indivíduo pertencente à minha comunidade linguística, minha mãe, nascida em um momento histórico diferente do meu, observo distinções nos usos linguísticos expressos. Exemplo disso é o uso do item lexical *colcha*, objeto utilizado para cobrir a cama, definido pelo Dicionário Caldas Aulete como “Coberta de cama, como decoração; cobertor; manta” (Aulete, 2021), tal objeto é, rotineiramente, aludido por minha mãe como *guarnição*.

Em concordância com Faraco (2005, p. 16), a ocorrência decorre, pois “são situações que envolvem manifestações linguísticas ocorridas em momentos bem claramente distanciados no tempo; ou diferentes gerações vivendo no mesmo momento histórico”. Tal manifestação linguística, ainda que não esteja imersa ou presente na contemporaneidade, faz parte do repertório linguístico do falante, em vista disso não podemos detê-lo de utilizar determinado item lexical, pois podemos fornecer bases para a destruição da memória linguística do sujeito, promovendo o processo de silenciamento.

Essas manifestações linguísticas não findam por aqui. Ao realizar pesquisas nos arquivos de documentos antigos de minha família, deparei-me com a certidão de casamento de meus pais e, ao fazer a leitura do documento, tive um estranhamento em relação à presença do item lexical *nubente*, por não compreender os sentidos que o item desprenhia. A partir de uma consulta ao Dicionário Caldas Aulete (2021), encontrei a definição “Que está para se casar; aquele que está para se casar; noivo”, enquanto o site eletrônico nomeado de *Origem da Palavra* disponibilizava a etimologia do item como “pessoa que está prestes a casar”, acrescentando que a origem do item remete à Roma Antiga, originado na tradição de cobrir o rosto da noiva com véus durante a cerimônia de casamento; por terem estruturas transparentes, semelhantes como nuvens, originou-se o verbo *nubere* (cobrir ou velar), o qual foi atrelado ao ato de casar. Além disso, o item lexical forma *núpcias* (casamento), *núbil* (apto para casar).

Diante disso, podemos considerar que o item lexical mencionado está em processo de desuso. No entanto, há um período de tempo, relativamente, curto ao considerar a data que a certidão de casamento foi lavrada (produzida) no *Cartório de Registro das Pessoas Naturais da cidade de Amargosa*, em 11 de maio de 2006, há 15 (quinze) anos.

Registro linguístico com a característica apresentada é concebido no contexto dos estudos diacrônicos como arcaísmo, item lexical utilizado com menos frequência dentro de determinada comunidade linguística ou, de acordo com a concepção de Villalva (2008, p. 29), “arcaísmos são as palavras que, num dado momento da história de uma língua, deixaram de ser utilizadas pela comunidade linguística falante dessa língua. Trata-se de palavras que já fizeram parte activa do léxico da língua, mas que, por variadas razões, caíram em desuso”.

Apesar do conceito de arcaísmo defendido por Villalva (2008), estudiosos como Mattos e Silva (2009) e Isquardo (2009) compreendem o arcaísmo como uma realidade linguística que oscila, ou seja, é capaz de aparecer em dado período histórico, desaparecer e reaparecer. Isto significa que o desaparecimento do item não é repentino, o que ocorre é a redução na frequência de uso, podendo desaparecer por completo.

Para Isquardo (2009), neologismos e arcaísmos são “duas categorias de palavras que convivem de forma harmoniosa no uso da língua” (Isquardo, 2009, p. 43) e “são conceitos relativos em relação ao tempo histórico das línguas e em relação aos seus referentes externos — as coisas/objetos” (Mattos; Silva, 2009, p. 19). Por ser uma realidade flexível, o neologismo e o arcaísmo vão se comportar de acordo com a dinâmica histórica e social vivenciada pela sociedade ou pela necessidade linguística do falante em dado contexto.

Em certidões de casamentos atuais, o item lexical *nubente* foi substituído por *cônjuge*, porém não significa que o item caiu em completo desuso, afinal, como pontuam os teóricos, o arcaísmo surge e ressurgue e apenas a frequência de uso é reduzida.

5 PASSOS FINAIS

Este texto debruçou-se nas questões que concernem o estudo da língua portuguesa no decorrer do tempo, bem como sua origem, mudanças, influências e usos linguísticos do cotidiano. A Linguística Histórica é um campo basilar para investigar e

compreender as dinâmicas culturais, sociais e políticas atreladas às histórias das línguas, uma vez que foi o processo histórico que culminou a formação linguística que vivenciamos.

No mais, foi possível abordar, ainda que de maneira sucinta, que a língua foi utilizada ao longo do percurso histórico como elemento silenciador, aplicado como item de dominação social por estar a serviço daqueles que estavam em espaços de poder, sendo negado um de seus aspectos principais, a heterogeneidade.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. **Arcaísmo**. Dicionário Caldas Aulete, [s. d.]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/arca%C3%ADsmo>.

FARACO, C. A. A percepção da mudança. *In*: FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... *In*: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-59.

LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. **Revista Delta**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 347-382, 2017.

MAIA, C. Linguística histórica e filologia. *In*: ROSAE, T. L. (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 533-542.

MARIANI, B. Da colonização linguística portuguesa à economia neoliberal: nações plurilíngues, **Gragoatá**, Niterói, v. 13, n. 24, p. 71-88, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. Diversidade e unidade: a aventura linguística do Português. **Revista I CALP**, Lisboa, v. 1, p. 01-30, 2002.

MATTOS E SILVA, R. V. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. *In*: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; SOLEDADE, J. (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20.

ORIGEM DA PALAVRA. **Nubente**. Origem da Palavra, 2024. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/nubente>.

VILLALVA, A. O léxico do português. *In*: VILLALVA, A. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p. 01-33.